



EDITORA UnB

COLETÂNEA DAS AÇÕES DE EXTENSÃO DA FACULDADE DE CEILÂNDIA – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Pré e pós-pandemia da covid-19

Bruna Soares Alves de Jesus
Cristina Lemos Barbosa Furia
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel
Magno Nunes Farias

(organizadores)



EXTENSÃO INSURGENTE

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Coletânea das ações de extensão da Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Pré e pós-pandemia da covid-19

Bruna Soares Alves de Jesus
Cristina Lemos Barbosa Furia
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel
Magno Nunes Farias

(organizadores)

EXTENSÃO INSURGENTE

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Percio Sávio Romualdo da Silva
Coordenação de revisão	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Maria Thalita dos Santos Pessôa
Diagramação	Beatriz Parente Barreto de Abreu
Fotos de capa	Beto Monteiro (Secom/UnB)

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

C694 Coletânea das ações de extensão da Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília [recurso eletrônico] : pré e pós-pandemia da covid-19 / Bruna Soares Alves de Jesus … [et al.] (organizadores). — Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
158 p. — (Extensão insurgente).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-236-1.

1. Extensão universitária – Universidade de Brasília. 2. Mudança social. 3. Comunidade e universidade. I. Jesus, Bruna Soares Alves de (org.). II. Série.

CDU 374.72

Heloiza dos Santos – CRB 1/1913

Sumário

Apresentação 9

Prefácio 11

Introdução 13

Seção I. Extensão universitária interdisciplinar no campo da saúde 19

Capítulo 1

Extensão universitária e espaços de promoção de saúde: vivências sobre o cotidiano de estudantes da UnB/FCE 21

Capítulo 2

A liga acadêmica de bioética e direitos humanos como ponte de extensão coletiva, plural e diversa entre sociedade e universidade 31

Capítulo 3

O papel da universidade no enfrentamento da dengue em uma área de extrema vulnerabilidade social do Distrito Federal 43

Capítulo 4

Reflexões sobre o contato de estudantes da área da saúde com a língua brasileira de sinais 53

Seção II. Relatos de experiência em tempos de pandemia da covid-19 59

Capítulo 5
Dinâmica social e educacional: a Universidade do Envelhecer – UniSER/UnB em ação **61**

Capítulo 6
Educação em saúde sobre plantas medicinais utilizando as mídias sociais **73**

Capítulo 7
A extensão universitária fortaleçaMente adaptada ao contexto de pandemia: um projeto de estimulação cognitiva para idosos **81**

Capítulo 8
Integração de uma Liga Acadêmica de Fononcologia com a comunidade durante a pandemia da covid-19: relato de experiência **91**

Capítulo 9
Impacto da pandemia da covid-19 na extensão universitária do curso de Fisioterapia: relato de experiência 2020/2021 **103**

Capítulo 10
Grupo Expressão Cotidiana, escuta das vozes e saúde mental em ambiente virtual em tempos da covid-19 **117**

Seção III. Retratos da semana universitária da UnB 129

Capítulo 11
Troca de saberes entre o Ibama e o curso de Fonoaudiologia da UnB: Programa Silêncio **131**

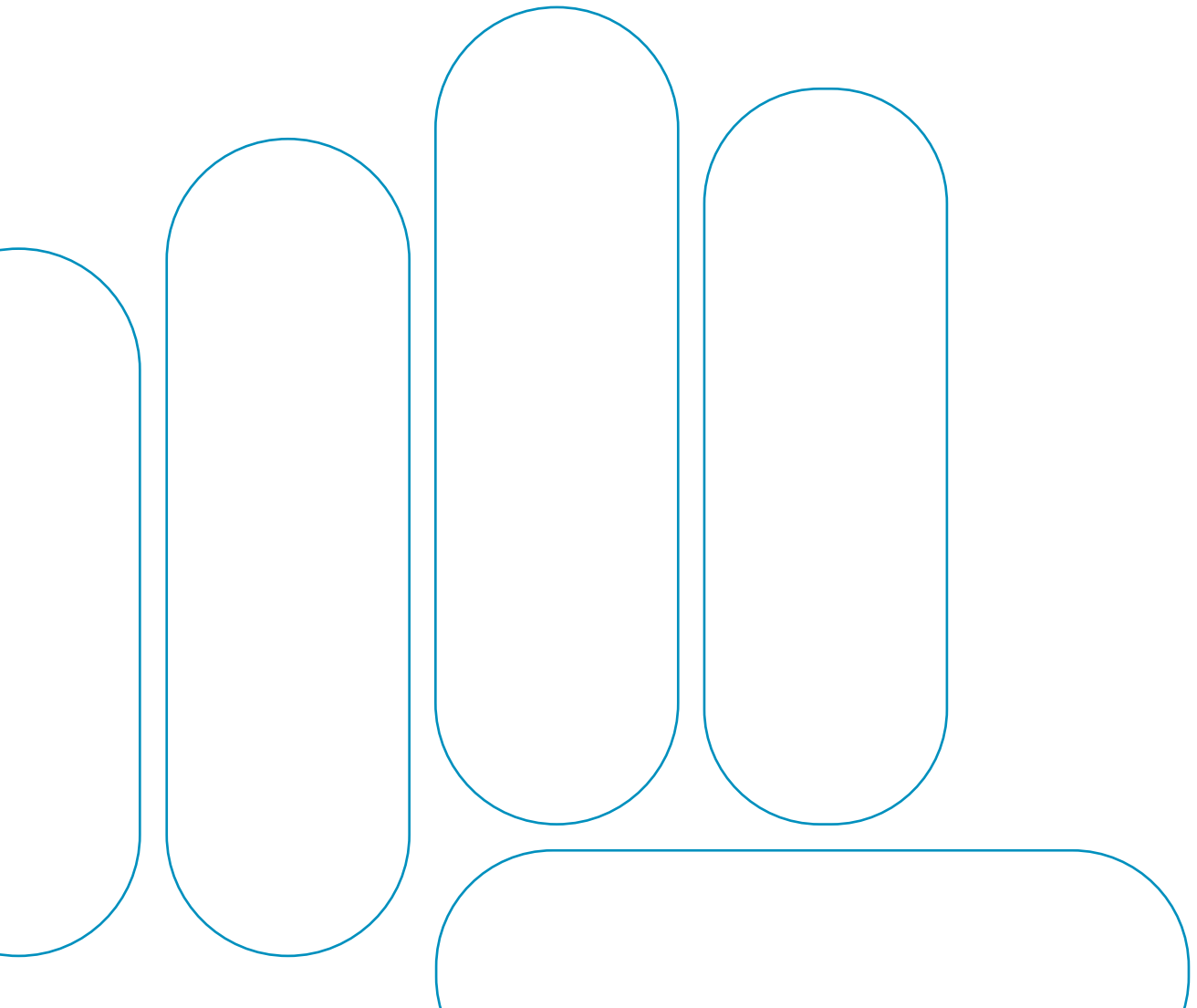
Capítulo 12
Educação continuada e saúde auditiva na Semana Universitária: Programa Audiologia na Escola **135**

Capítulo 13
Aproximando a neurociência à comunidade: o papel da Liga Acadêmica de Reabilitação Neurofuncional (NeuroLAR) **139**

Capítulo 14
Farmacoeducação em saúde mental: empoderamento de usuários, familiares e servidores do CAPS **143**

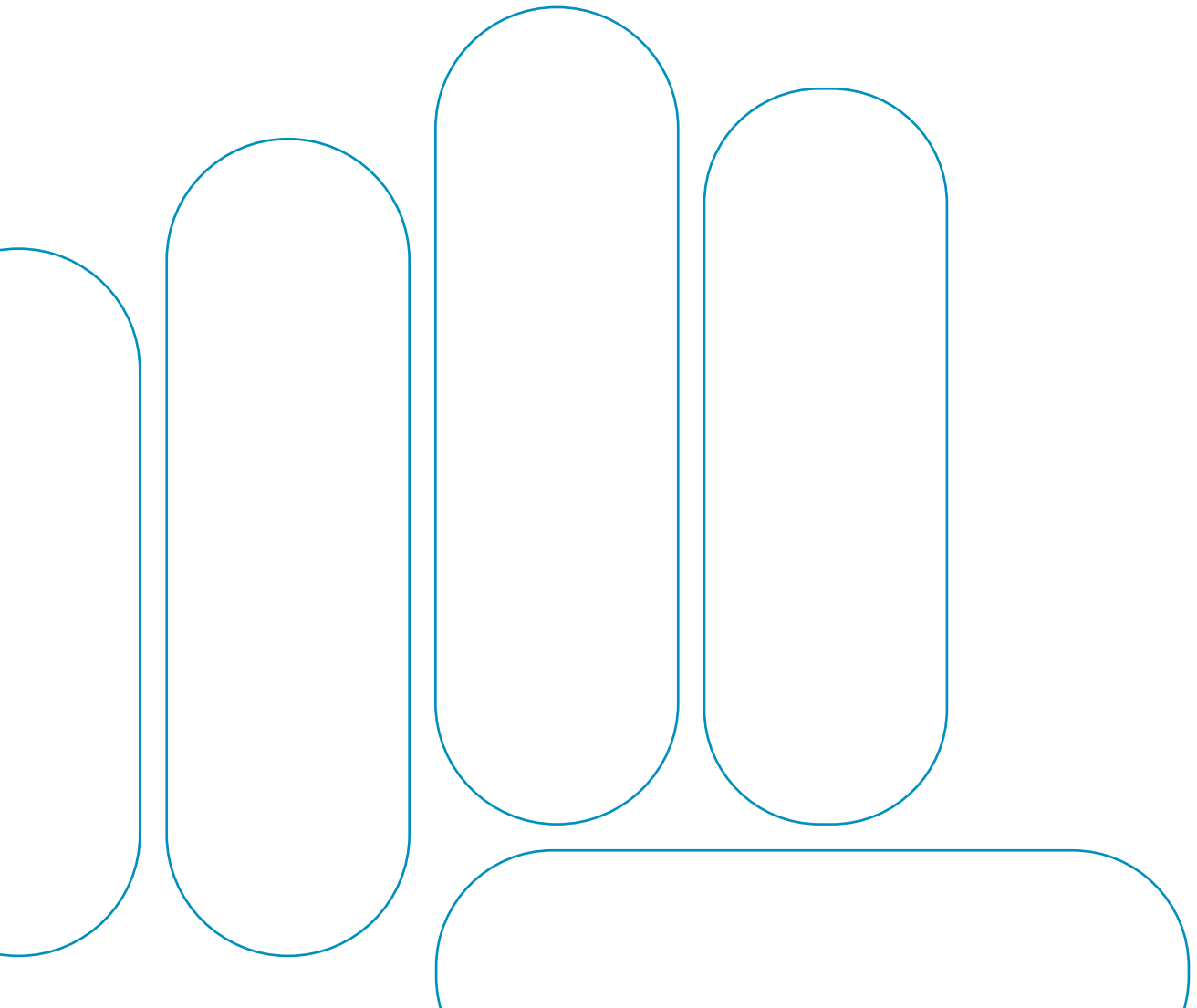
Capítulo 15
Paulo Freire em terapia ocupacional social: minicurso na Semana Universitária de 2021 **149**

Encerramento da coletânea 155



Seção I.

Extensão universitária interdisciplinar no campo da saúde



Capítulo 3

O papel da universidade no enfrentamento da dengue em uma área de extrema vulnerabilidade social do Distrito Federal

Ana Carolina Silva Martins[1]
Flávia Reis de Andrade[2]
Marcos Takashi Obara[3]
Rodrigo Gurgel Gonçalves[4]
Vanessa Resende Nogueira Cruvinel[5]

Introdução

A Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília (FCE/UnB) está localizada na Região Administrativa (RA) IX – Ceilândia, cuja população representa 11,64% do total do Distrito Federal. Trata-se de uma RA bastante conhecida por suas lutas por direitos básicos, como moradia e educação. A FCE foi criada por meio das ações do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e tem um papel social de grande relevância, com o compromisso de intervir no território, a fim de proporcionar melhorias para o meio e as pessoas que a cercam.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[2] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[3] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[4] Docente do curso de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia – UnB.

[5] Docente do curso de Medicina pela Universidade de Brasília.

O projeto de extensão *Pare, Pense, Descarte* (PPD) foi criado em 2010 por um grupo de estudantes do curso de Saúde Coletiva da FCE, que acreditava na importância da coleta seletiva promovida pela universidade, a qual, por sua natureza, deve ser exemplo para o restante da sociedade, desenvolvendo ações que visem diminuir os impactos ambientais gerados pelo descarte de resíduos sólidos. A abordagem desse projeto, que se concentra na coleta seletiva e na conscientização sobre o descarte adequado de resíduos, alinha-se à preocupação global com as questões ambientais e a sustentabilidade.

A degradação ambiental e a infraestrutura inadequada representam um sério risco à saúde humana. O descarte inadequado de resíduos favorece a transmissão de doenças de veiculação hídrica e a reprodução de mosquitos da espécie *Aedes aegypti*, responsável pela transmissão de arboviroses (Almeida; Cota; Rodrigues, 2020, p. 3857-3868). Nesse contexto, as atividades e ações promovidas pelo projeto PPD foram desenvolvidas na Região Administrativa de Ceilândia ao longo de sete anos. Diversas parcerias foram firmadas com cooperativas e associações de catadores, com outros projetos de extensão da UnB e com o Rotary Club de Taguatinga.

Em 2017, o governo do Distrito Federal convidou a equipe de professores do projeto PPD para realizar um levantamento epidemiológico dos catadores que trabalhavam no lixão da Estrutural, a fim de conhecer suas condições de saúde antes do seu encerramento, previsto para 2018, uma vez que, após essa data, os catadores seriam realocados para Centros de Triagem de Coleta Seletiva (CTCS).

Brasília, capital do Brasil, sediou, por quase 60 anos, o Lixão da Estrutural, que foi considerado o segundo maior lixão do mundo, ficando atrás apenas do Lixão de Jacarta, situado na ilha de Java, na Indonésia. O local abrigava cerca de 1.200 catadores, vinculados a associações e cooperativas, que trabalhavam em condições laborais precárias, expostos a riscos iminentes de acidentes de trabalho e a agentes físicos, químicos e ergonômicos, além de gases resultantes da decomposição dos resíduos e mosquitos de importância para a saúde pública (Cruvinel *et al.*, 2020, p. 223-232; Neves *et al.*, 2016; Zolnikov *et al.*, 2018).

Os lixões propiciam a poluição do ar, do solo e da água, e o encerramento de suas atividades é uma medida essencial para o controle dos impactos da gestão de resíduos no meio ambiente e na saúde coletiva (Cruvinel *et al.*, 2017). A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), instituída pela Lei nº 12.305/2010, determina às unidades federativas o cumprimento de metas, tais como encerramento das atividades de todos os lixões no Brasil e a elaboração de programas para fomentar a gestão de resíduos sólidos com sustentabilidade e inclusão social, mediante a participação de catadores na coleta seletiva (Brasil, 2010).

Segundo o Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil (RSU), em 2022, foram geradas 81,8 milhões de toneladas de resíduos, o que corresponde a 224 mil toneladas diárias de resíduos sólidos urbanos. A maior parte dos resíduos coletados (61%) continua sendo encaminhada para aterros sanitários, com 46,4 milhões de toneladas enviadas para destinação ambientalmente adequada em 2022. Por outro lado, áreas de disposição inadequada, incluindo lixões, ainda seguem em operação em todas as regiões do país e receberam 39% do total de resíduos coletados, o que corresponde a 29,7 milhões de toneladas com destinação inadequada (Abrelpe, 2022).

A Cidade Estrutural é a Região Administrativa (RA) de menor renda do DF, que surgiu por volta de 1960, após a inauguração de Brasília. A área começou a ser habitada por meio da invasão de pessoas atraídas para trabalhar no Lixão da Estrutural. A partir do início da ocupação dessa área, surgiram os primeiros catadores de materiais recicláveis, o que desencadeou a construção de casas nas proximidades. O local passou por vários conflitos para a regularização, tendo em vista que isso poderia afetar o Parque Nacional de Brasília. Apresenta infraestrutura precária, e diversas ações foram realizadas com a tentativa de retirar a população do local. Em 2006, ocorreu a instalação da Vila Estrutural, por meio da Lei Complementar nº 715, que nomeou a área como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), estabelecendo os parâmetros urbanísticos com diretrizes para a redução dos impactos ambientais (Codeplan, 2018; PDAD, 2013). No ano de 2004, a Cidade Estrutural foi legalizada como Região Administrativa (RA) no Distrito Federal. Entretanto, ainda existem áreas irregulares dentro da Cidade, como Santa Luzia.

O Setor de Chácara Santa Luzia surgiu em 1996, situado às margens da Estrutural, e foi classificado como aglomerado subnormal ou favela, sendo considerado impróprio para moradia em razão da falta de acesso aos direitos básicos. Devido à ausência de serviços públicos, a população realiza ligações clandestinas de água e energia, além de utilizar fossas como forma de esgotamento sanitário (PDAD, 2013). Atualmente, cerca de 7 mil pessoas vivem em situação de pobreza extrema no local e são expostas à falta de saneamento, especialmente no que diz respeito ao acesso à água tratada e à coleta de lixo.

As internações por doenças de veiculação hídrica estão diretamente relacionadas às condições de falta de acesso a serviços, como saneamento básico, escolaridade e cobertura por atenção básica em saúde. Outro fator que contribui para a contaminação da água é a chuva, que, por meio de enchentes e inundações, é contaminada por depósitos de material tóxico e por estações de tratamentos, provocando doenças como leptospirose, cólera, entre outras (Paiva; Souza, 2018).

As doenças de veiculação hídrica (DVH) podem ser divididas em cinco grupos: *i*) Doenças diarreicas, constituídas pelas doenças feco-orais; *ii*) Verminoses; *iii*) Doenças da pele; *iv*) Doenças dos olhos; e *v*) Doenças transmitidas por meio do contato com a água (Heller, 1997; Costa *et al*., 2002; Cesa; Duarte, 2010, p. 63-78). A dengue também pode ser considerada uma doença de veiculação hídrica, dado que o vetor *Aedes aegypti* se reproduz em água parada e contamina o ser humano. Está diretamente associada à falta de saneamento básico e à coleta de lixo. Além da dengue, o referido mosquito pode transmitir a febre Chikungunya e o Zika, relacionada a casos de microcefalia em bebês. A dengue destaca-se como uma das mais importantes doenças virais reemergentes transmitidas por artrópodes.

No mundo, anualmente, a dengue infecta 390 milhões de pessoas nos 130 países onde é endêmica, podendo causar febre hemorrágica e óbito. Nas Américas, a dengue é a arbovirose que causa o maior número de casos, com epidemias ocorrendo ciclicamente a cada três e cinco anos, totalizando 3.110.442 casos notificados de arboviroses em 2022. Desses, 2.803.096 (90,1%) foram casos de dengue, 271.006 (8,7%) de Chikungunya e 36.340 (1,2%) de Zika (OPAS/OMS, 2023).

No Brasil, em 2022, ocorreram 1.450.270 casos prováveis de dengue (taxa de incidência de 679,9 casos por 100 mil habitantes). Em comparação com o ano anterior, houve um aumento de 162,5%. A Região Centro-Oeste apresentou a maior taxa de incidência de dengue, com 2.086,9 casos por 100 mil habitantes. Em relação aos casos prováveis, o Distrito Federal apresentou o maior número entre as cidades brasileiras, com 70.672 casos (2.282,9 casos por 100 mil habitantes) (Ministério da Saúde, 2023). Foram registrados 1.070 e 5.078 casos confirmados de dengue na Cidade Estrutural nos anos de 2021 e 2022, respectivamente, o que corresponde a um aumento de 251,6%.

O projeto de pesquisa, denominado *Zika, Dengue e Chikungunya: abordagem multissetorial para o desenvolvimento de soluções aplicáveis em saúde pública* é voltado para o enfrentamento das arboviroses na Cidade Estrutural. Desenvolvido em parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o projeto representa uma abordagem abrangente e integrada para lidar com os desafios relacionados às doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*, combinando pesquisa científica, participação comunitária e intervenções práticas em saúde pública. As atividades são voltadas para a educação, promoção da saúde e empoderamento da população. O objetivo principal do projeto é conhecer a percepção da comunidade da Cidade Estrutural (DF) em relação aos fatores de risco para as arboviroses e realizar ações de educação em saúde e meio ambiente para reduzir a incidência de dengue na região.

Metodologia

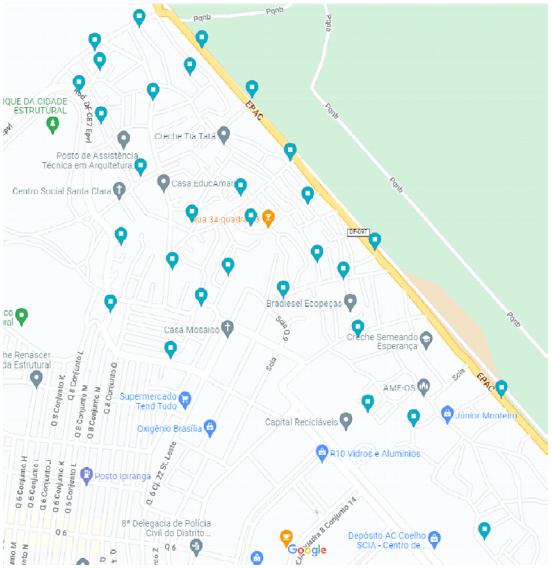
Utilizou-se como método a pesquisa-ação, realizando inicialmente entrevistas com os moradores locais para entender as demandas e analisar o conhecimento das pessoas sobre os fatores de risco, sintomas, tratamento e medidas de controle das arboviroses. Em seguida, realizaram-se oficinas de educação em saúde e ambiental para colaborar com o enfrentamento das DVH.

A Cidade Estrutural foi dividida em duas áreas: área A – sem saneamento (Santa Luzia) e área B – com saneamento (Cidade Estrutural). Para a realização das entrevistas, elaborou-se um roteiro, incluindo questões referentes a dados sociodemográficos, habitação, doenças e agravos à saúde, acesso à água, esgotamento sanitário e coleta de lixo.

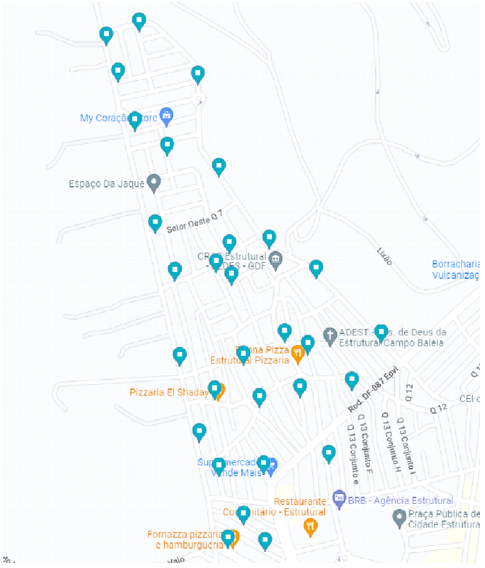
Inicialmente, foram realizadas rodas de conversa com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) locais para conhecer os desafios e as potencialidades na perspectiva da atenção primária. A equipe do projeto, composta por estudantes e docentes, participou do "Dia D de vacinação", que atendeu mais de 200 moradores. Nesse dia, foram realizadas entrevistas com a comunidade para conhecer a realidade local. Além das entrevistas, foram feitas rodas de conversa com lideranças locais, associações de moradores, 12 creches sociais da Santa Luzia, associação de mulheres, associações de catadores de materiais recicláveis e representantes de escolas públicas.

Posteriormente, foram realizadas visitas domiciliares na Cidade Estrutural, junto com os ACS, a fim de conhecer a prática desses profissionais e o território. Assim, foram sorteadas 60 casas (30 de cada área) para participarem das ações do projeto (figura 1).

Figura 1: Mapeamento das casas sorteadas para participarem do estudo



Casas selecionadas da área sem saneamento básico – Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)



Casas selecionadas da área com saneamento básico – Setor Oeste, Cidade Estrutural (DF)

Durante um ano, a equipe do projeto se deslocou da universidade para a Cidade Estrutural, a fim de realizar visitas domiciliares, com o objetivo de conhecer a realidade e os hábitos da comunidade, além de conversar com os moradores. Nessas visitas, as pessoas foram ouvidas em relação às principais dificuldades enfrentadas no acesso à água, esgoto, coleta de lixo e serviços básicos de saúde (figura 2). Além disso, foram realizadas ações de educação em saúde, tanto individuais quanto coletivas.

Figura 2: Diagnóstico situacional das condições de armazenamento de água da área sem saneamento



Armazenamento de água na área sem saneamento básico – Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)



Visitas na área sem saneamento básico – Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)

Resultados e discussão

O estudo foi realizado no período de janeiro de 2021 a março de 2022. Durante as entrevistas com os 60 moradores das casas selecionadas, observou-se que eles estavam cientes dos meios de transmissão da dengue. No entanto, os residentes de Santa Luzia, área sem saneamento, costumam armazenar água de forma inadequada e acumular lixo em suas residências, devido à falta de coleta.

Entrevistas e diagnóstico situacional

Por meio das visitas semanais, observou-se que o Setor de Chácaras Santa Luzia não dispõe de coleta seletiva porta a porta. Os moradores precisam levar os resíduos até pontos de entrega coletivos, conhecidos como “papa-lixo”. Dessa forma, foram entregues lixeiras de duas cores, com tampas, às famílias das casas selecionadas, para viabilizar a separação dos resíduos domésticos em lixo orgânico e recicláveis. Realizaram-se visitas semanais às residências, com orientações sobre ações de enfrentamento às doenças de veiculação hídrica e distribuição de sacos de lixo de cores diferentes, a fim de garantir a continuidade dos hábitos de separação e descarte correto dos resíduos.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ceilândia da Universidade de Brasília, sob o CAAE nº 70411223.5.0000.8093.

Atividades de educação em saúde e educação ambiental

Para esta etapa, participaram do planejamento os responsáveis por 15 creches de Santa Luzia. Foram realizadas reuniões para a discussão das atividades a serem desenvolvidas e o levantamento de demandas da comunidade. Salienta-se que instituições que atendem crianças são

de grande relevância para o estabelecimento de ações voltadas à educação em saúde e à mudança de hábitos de vida, pois mantêm parceria com as famílias como multiplicadoras de saberes.

Inicialmente, o projeto foi apresentado em reunião, com rodas de conversa, e, posteriormente, foi realizado o cadastramento dessas instituições para garantir o mapeamento das intervenções e estabelecer um novo cronograma de atividades. No diálogo realizado, os participantes demonstraram reconhecimento dos fatores de risco ambientais e sociais enfrentados pelas crianças e suas famílias.

As atividades de educação em saúde foram realizadas individualmente durante a entrega das caixas d'água, lixeiras e sacos de lixo, semanalmente. As atividades coletivas foram realizadas em 15 creches, envolvendo pais, crianças e professores, em Associações de Moradores com a comunidade e na Unidade Básica de Saúde da cidade. Folders com as principais informações foram distribuídos à população durante essas atividades. As pessoas se mostraram muito receptivas e interessadas em compartilhar conhecimento para mudar seus hábitos em prol da saúde (figura 3).

Figura 3: Rodas de conversa e oficinas com os moradores da Estrutural-DF



Oficinas participativas com a Associação de Moradores da Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)



Oficinas participativas com as coordenadoras de creches sociais em Santa Luzia, Cidade Estrutural (DF)

Em relação ao armazenamento de água, as famílias relataram que utilizam baldes sem tampa, pois a área de Santa Luzia não possui água encanada. Por isso, o projeto doou caixas d'água com tampa e realizou as orientações e visitas necessárias para monitorar o uso desses materiais. Além disso, as famílias também foram orientadas sobre o consumo de água filtrada, e 70 famílias receberam filtros de barro como doação, em parceria com o Rotary Club, para garantir o acesso à água de qualidade.

Ao todo, foram realizadas cinco oficinas coletivas de educação em saúde com enfoque na prevenção de doenças de veiculação hídrica. Foram abordadas as formas de contágio, os sintomas, os tratamentos e as formas de prevenção das doenças leptospirose, cólera, hepatite A e verminoses. Foi possível criar um espaço de diálogo franco e transparente entre a equipe do projeto e a comunidade. Os problemas foram evidenciados pelos moradores e, por meio da troca de saberes, buscou-se, em conjunto, soluções factíveis para o armazenamento de água e o acesso à água potável. Como a área possui entraves para a sua

regularização fundiária junto ao Distrito Federal, foi realizado um projeto para obtenção de filtros de água, a fim de minimizar esses impactos na saúde dessa população.

Estudos do livro *The drinking water book*, de Colin Ingram (2006), evidenciam a eficiência do filtro de barro na retenção de cloro, pesticidas, ferro, alumínio, chumbo e parasitas causadores de doenças, como a diarreia. Por meio de uma parceria internacional com o Rotary Club e a Workers Health Without Borders (WHWB), foi possível realizar a doação de 2.060 filtros de água para essa comunidade, juntamente com treinamentos sobre o uso adequado do filtro. A atividade de entrega de filtros contou com a participação de estudantes do PPD da UnB, do Instituto Federal de Brasília (campus Estrutural) e Rotary Club de Taguatinga.

Junto com a entrega, foram realizadas oficinas sobre o uso e a manutenção adequada dos filtros, além de orientações sobre higiene e cuidados pessoais, tendo em vista a vulnerabilidade dessa comunidade. Também foram doadas caixas d'água com tampa para todas as creches da área de Santa Luzia, que não contam com fornecimento de água devido à falta de regularização da área. O vídeo[6] pode ser acessado na nota de rodapé, assim como a reportagem.[7]

Devido ao contexto histórico da Cidade Estrutural, o projeto realizou, em 2020, uma importante ação no Complexo de Reciclagem, na qual participaram cerca de 300 catadores de materiais recicláveis. Na ação, foram realizadas rodas de conversa, com a apresentação de vídeos de curta duração sobre as principais doenças de veiculação hídrica e arboviroses, com o intuito de orientá-los sobre os meios de prevenção dessas doenças, identificar sinais e sintomas e acessar os serviços de saúde para tratamento adequado e oportuno.

Considerações finais

Ao envolver a comunidade acadêmica e, consequentemente, a comunidade local, o projeto demonstra como a universidade pode ser uma força motriz para mudanças positivas em seu entorno. A educação em saúde e ambiental é fundamental para conscientizar as pessoas sobre os impactos de seus hábitos e escolhas na sua saúde e bem-estar.

O diálogo com a população incluiu discussões sobre a atual conjuntura dos problemas ambientais e sociais, fomentando a realização de ações que estão ao alcance de todos, como o descarte correto de lixo e o armazenamento adequado de água, tornando cada ator corresponsável pela melhoria das condições sanitárias locais.

A execução do projeto contribui não apenas para a redução dos efeitos ambientais relacionados ao descarte de lixo e ao consumo de água, mas também promove um senso de responsabilidade coletiva e uma cultura de sustentabilidade nessa comunidade, que demanda empoderamento e organização social para lutar por seus direitos, relacionados à moradia, educação, saneamento básico e saúde.

[6] O vídeo pode ser acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=G9yY-kYGA9c.

[7] A reportagem está disponível em: https://www.gazetadetaguatinga.com.br/2021/11/20/rotary-club-de-taguatinga-realiza-4o-treinamento-de-familias-de-santa-luzia-na-estrutural/.

Os resultados evidenciaram que a comunidade foi extremamente participativa nas ações e confirmaram, a partir de seus depoimentos e visitas no local de moradia, as mudanças em seus hábitos em prol da saúde própria e de seus familiares. Essas descobertas e ações fornecerão novas alternativas de controle das arboviroses em áreas de risco e contribuirão para a continuidade das políticas públicas de saúde e serviços básicos a serem prestados às comunidades vulneráveis. Compreende-se a necessidade de monitoramento contínuo dessa comunidade, para que essas ações sejam inovadoras e baseadas nas demandas que visem ao empoderamento dessa população.

Referências

ABRELPE. *Panorama dos resíduos sólidos no Brasil*, 2022. Disponível em: https://abespb.com.br/wp-content/uploads/2023/12/Panorama_Abrelpe_2022.pdf. Acesso em: 10 maio 2023.

ALMEIDA, L. S.; COTA, A. L. S.; RODRIGUES, D. F. Saneamento, arboviroses e determinantes ambientais: impactos na saúde urbana. *Rev. Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 10, p. 3857-3868, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/SYkNjBXG7JMCJxCjshr7sLB/?lang=pt&format=pdf. Acesso em: 26 jun. 2025.

BELLINGIERI, J. C. Água de beber: a filtração doméstica e a difusão do filtro de água. *Anais do Museu Paulista*, Universidade de São Paulo, v. 12, n. 12, p. 161-192, jun./dez. 2004.

CASSEMIRO, E. M.; ALVES, D. C.; MOURA, D. R. *et al*. Dengue and Chikungunya seroprevalence in waste pickers from the largest Latin American open-air dump. *Journal of Infection*, v. 83, n. 6, p. 709-737, dez. 2021.

CESA, M.; DUARTE, M. G. A qualidade do ambiente e as doenças de veiculação hídrica. *Geosul*, Florianópolis, v. 25, n. 49, p. 63-78, jan./jun. 2010. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2177-5230.2010v25n49p63. Acesso em: 9 jul. 2022.

CODEPLAN. *PDAD – Relatório SCIA/Estrutural*, 2018. Disponível em: https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/SCIA-Estrutural.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

COSTA, A. M.; PONTES, C. A. A.; MELO, C. H.; LUCENA, R. C. B.; GONÇALVES, F. R.; GALINDO, E. F. Classificação de doenças relacionadas a um saneamento ambiental inadequado (DRSAI) e os Sistemas de Informações em Saúde no Brasil: possibilidades e limitações de análise epidemiológica em saúde ambiental. *In*: CONGRESO INTERAMERICANO DE INGENIERÍA SANITARIA Y AMBIENTAL, [n.], 2002, Cancún. *Anais [...]*. Cancún, 2002.

CRUVINEL, V. R. N.; MARQUES, C. P.; CARDOSO, V. *et al*. Condições de saúde e riscos ocupacionais em um novo grupo: catadores no maior depósito de lixo a céu aberto da América Latina. *BMC Saúde Pública*, v. 19, n. 1, p. 581, 2019. Disponível em: https://bmcpublichealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-019-6879-x. Acesso em: 28 abr. 2025.

CRUVINEL, V. R. N.; ZOLNIKOV, T. R.; OBARA, M. T. *et al*. Vector-borne diseases in waste pickers in Brasília, Brazil. *Waste Management*, v. 105, n. 15, p. 223-232, mar. 2020. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0956053X2030057X. Acesso em: 28 abr. 2025.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. SERVIÇO DE LIMPEZA URBANA DO DISTRITO FEDERAL (SLU). *Plano de ação para correção da operação do lixão do Jóquei.* Brasília, 2015.

HELLER, L. *Saneamento e saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; Organização Mundial da Saúde, 1997.

ZOLNIKOV, T. R.; SILVA, C.; TUESTA, A. A.; MARQUES, C. P.; CRUVINEL, V. R. N. *Ineffective waste site closures in Brazil*: a systematic review on continuing health conditions and occupational hazards of waste collectors, 2018. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30455007/. Acesso em: 28 abr. 2025.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

COLETÂNEA DAS AÇÕES DE EXTENSÃO DA FACULDADE DE CEILÂNDIA – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Pré e pós-pandemia da covid-19

Esta obra apresenta experiências de projetos de extensão realizados no Campus Ceilândia da Universidade de Brasília – UnB, em períodos anteriores, posteriores ou coincidentes com a pandemia da covid-19. Ao longo da leitura dos capítulos, é possível perceber a resiliência dos atores, que transformaram ações inicialmente presenciais em atividades híbridas ou on-line. Eles transmitiram a mensagem de que o mais importante era continuar, sem parar, aprendendo trocar o pneu enquanto a carroça andava, reinventando caminhos e buscando chegar à comunidade da melhor forma possível: inteiros, transmitindo força e esperança.

O isolamento social nos fez mais forte e evidenciou a importância da extensão. De nada adianta a academia sem a participação ativa de todos os seus membros. Uma universidade vazia não é universidade, mas apenas um emaranhado de tijolos sem vida e sem utilidade. A extensão é o coração do ensino. De que adianta ensinar e aprender se não houver onde e com quem colocar tudo em prática? Estamos todos conectados, aprendendo uns com os outros, trocando experiências, errando e acertando continuamente. Ninguém sabe mais ou menos, pois somos aprendizes e mestres na estrada da vida. A cada ciclo, nos refazemos, morrendo e renascendo em novas verdades.

É nisso que eu acredito: na força da Extensão Universitária. Na devolução à comunidade de tudo o que fazemos, pois é por ela que estamos aqui. Pelo bem comum. Para transformar vidas e sermos transformados. Como coordenadora da extensão durante alguns anos na Faculdade de Ceilândia, pude perceber que não é à toa que temos o maior número de ações extensionistas da UnB. Nosso campus reflete o que somos: pessoas engajadas com a sociedade, sensíveis às suas necessidades, prontas para ajudar o próximo — verdadeiros profissionais da saúde ou pela saúde, pois saúde é um direito de todos, não apenas de uma minoria. E o que é saúde sem calor humano? Apenas um emaranhado de exames com resultados normais, sem vida e sem alegria.

Viva a Extensão Universitária, que pode proporcionar esse verdadeiro bem-estar!



EDITORA UnB

EXTENSÃO INSURGENTE